

Resenhas

“Educação Física: ensino e mudanças”: um livro original e marginal¹



Bruno Nascimento de Siqueira

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
E-mail: brunosiqueiran@gmail.com



Francisco Emilio de Medeiros

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
E-mail: Francisco.m@ufsc.br

Submetido em: 05/06/2025

Aceito em: 21/08/2025

Passados pouco mais de 30 anos, “Educação Física: ensino e mudanças”, o primeiro livro de Elenor Kunz, teve sua primeira edição publicada no ano de 1991, compondo o projeto editorial “Coleção Educação Física”, da editora Unijuí, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. Esse livro corresponde à publicação no Brasil de sua tese de doutorado, realizada no Instituto de Ciências do Esporte da Universidade de Hannover, na Alemanha. Aliás, isso ocorre numa época em que vários professores tiveram a oportunidade de realizar formação de doutoramento no exterior, num momento em que os cursos de pós-graduação em Educação Física no país iniciavam seus primeiros passos.

Talvez esse espaço temporal de 34 anos e a dimensão regional da publicação expliquem, ainda, um certo desconhecimento do livro nos tempos atuais, apesar da notoriedade acadêmico-científica que o autor conquistou ao longo do mesmo período,

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

especialmente como dirigente do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e professor nos Programas de Pós-graduação em Educação Física e Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina e da Universidade Federal de Santa Maria, ao longo das duas primeiras décadas do século XXI.

O contexto e espírito do tempo em que se origina a tese e o livro de Kunz são o da “abertura” política e o da imperiosidade e florescimento das ideias de mudanças no Brasil. E, uma das consequências, no campo da Educação Física, foi o surgimento do Movimento de Renovação da Educação Física brasileira, determinante na trajetória do autor, ao mesmo tempo em que também passou a determiná-lo, com sua produção acadêmico-científica crítica e inovadora, a qual testemunha sua influência no debate acadêmico e na literatura científica da área.

No prefácio do livro, o autor antecipa, em linhas gerais, o seu conteúdo, que está estruturado em duas partes. Na primeira é apresentada uma investigação empírica em forma de estudo de caso com relação ao ensino da Educação Física em duas realidades escolares opostas (uma escola particular em uma área considerada “nobre” e a outra uma escola pública “marginalizada” da sociedade na mesma cidade); e, em simultâneo, apresenta uma análise do mundo vivido e respectivo mundo do movimento de crianças participantes das aulas de Educação Física das escolas estudadas. Já na segunda parte, apresenta uma análise curricular da Educação Física nas diretrizes oficiais (vigentes nas décadas entre 1960 e 1990), seguida do desenvolvimento de concepções teóricas para o conceito de educação e o conceito de movimento humano, indicando, por fim, novas perspectivas de ação para possíveis mudanças no ensino da Educação Física brasileira.

Neste processo, Kunz chama a atenção para o “adestramento do movimento humano” que estaria acontecendo nos países ditos “desenvolvidos” e de “terceiro mundo”, em relação aos esportes normatizados nos modelos estadunidenses e europeus, não considerando as culturas do movimento existentes em cada região, estado ou país.

Tendo como interesse primário da investigação a Educação Física escolar, percebe-se na escrita do autor que um dos dilemas encontrado referia-se à concepção de ensino utilizada pelos professores e professoras de Educação Física, como no caso da escola privada, ao considerar que o objetivo das aulas tendia às restrições referentes às propostas de exercícios em padrões de movimento com vistas à formação final dentro do padrão esportivo e da formação de equipes de competição. Nessa análise, a ênfase do processo educacional estaria no desenvolvimento de condicionamento físico e destrezas técnicas, portanto, a qualidade do processo de ensino e aprendizagem estaria diretamente relacionada com o controle de rendimento dos alunos na prática esportiva. Entende-se que, na realidade descrita pelo autor, o movimento humano e, portanto, o ensino, eram vistos pela ótica do treinamento esportivo. Apresentava-se como um conhecimento individualizado, a partir de processo de ensino e aprendizagem focado, prioritariamente, no aspecto técnico-motor, caracteristicamente de forma mecânica e irrefletida.

No cenário da escola pública, o autor observa uma realidade distinta, isto é, por conta da ausência das condições materiais exigidas para o desenvolvimento do esporte convencional nos espaços escolares, as aulas de Educação Física apresentavam, essencialmente, a tarefa de “consolidar hábitos através de atividades rotineiras e condutas normativas que contribuíssem para a manutenção da ordem social, em especial, pelo cumprimento de regras e normas sociais” (Kunz, 2004, p. 183).

Nesse sentido, Kunz menciona que a Educação Física, fundada numa orientação pedagógica de comparações objetivas e sobrepujança², não alcançaria suas funções sociais e políticas, pois não se encontrariam condições para que o aluno agisse com autonomia e independência.

Essa passagem destaca um dos aspectos propositivos do autor quando apresenta o argumento, segundo o qual, para a

² Para mais conhecimento sugerimos o texto “Sobre a comparabilidade objetiva no esporte: limites para a prática educacional”, de Vaz (2024).

Educação Física atingir realmente os aspectos socioeducacionais necessários de uma disciplina escolar, seria preciso uma mudança na concepção de ensino, de educação e movimento humano.

Esse argumento identifica o desejo do autor de propor uma “Educação Física de brasileiro para brasileiro”. Essa ideia surgiria da problemática relacionada à apropriação e reprodução de um conhecimento de maneira descontextualizada, ou seja, sem considerar os contextos históricos e sociais. Bracht (2024) nos lembra de que nessa época Kunz demonstrava preocupação com a “invasão cultural” das culturas de movimento. Segundo ele, Kunz promoveu um pequeno seminário em Hannover, na Alemanha, com a presença de Reiner Hildebrandt-Stramann, com o objetivo de discutir formas para se relacionar com o tema. A preocupação circulava em torno dos limites da aplicação de referências provenientes da Europa, como o caso da Educação Física alemã (*Sportpädagogik*), na realidade brasileira. A análise do cenário educacional brasileiro, realizada por Paulo Freire, contribuiu para a reflexão daquele período.

Kunz, que conhece na Alemanha a obra de Paulo Freire (1985), passa a estabelecer um diálogo com este estudioso da educação brasileira e propõe uma concepção de educação libertadora com um horizonte problematizador para o ensino da Educação Física. Inclusive, no tópico do livro, “Uma nova concepção para o conceito de Educação”, Kunz retoma a crítica à concepção educacional denominada por Paulo Freire de “Educação Bancária”. Freire apresenta uma proposta de educação libertadora que deva possibilitar a conscientização humana, a qual é possível na abordagem freireana via um processo de ensino dialógico, crítico e problematizador, capaz de conduzir o sujeito a um elevado grau de responsabilidade política, social e reflexiva (Kunz, 2004).

Por conseguinte, em “Uma nova concepção para o conceito de movimento humano”, Kunz aponta as limitações de se entender o movimento humano como apenas “o deslocamento do corpo ou de partes deste em um tempo e espaço”, questionando os limites das Ciências Naturais e Exatas para compreender o ser humano

que se movimenta. Para o autor, ao abordar-se a Educação Física como disciplina pedagógica, o movimento humano necessitaria ser visto a partir de uma análise integral, como uma forma de relação e compreensão do homem e o mundo.

Note-se a influência da tradição holandesa e alemã de movimento humano (*Sich Bewegen*) na teoria do movimento humano de Kunz, divulgada no Brasil a partir do termo se movimentar. O autor busca enfatizar as relações inerentes do homem com o mundo, isto é, o ato/contato dialógico via movimento. Portanto, o foco não pode se limitar apenas ao movimento que a pessoa realiza, “mas também o homem que o realiza, e ainda, o contexto onde este se movimentar do homem se concretiza” (Kunz, 2004, p. 166).

Com a perspectiva de apresentar uma concepção contrária, principalmente às interpretações empírico-analíticas, baseadas na mudança de lugar do corpo-substancial (ou parte deste), Tamboer (1985 apud Kunz, 2004) desenvolve uma teoria com fundamentações antropológicas para o movimento humano denominada de “concepção dialógica”. Nessas premissas, o movimento humano deve ser interpretado como diálogo entre o homem e o mundo, e assim os movimentos seriam uma forma especial de compreender o mundo pela ação.

Portanto, pode-se dizer que com a relação entre a concepção dialógica do processo de ensino-aprendizagem de Paulo Freire e a ideia de movimento humano de tradição holandesa e alemã, Kunz apresenta e problematiza novas “perspectivas de mudanças na Educação Física brasileira”. Bracht (2024) bem identifica a ideia de que a proposta de Kunz desenvolvida nesse livro estudado pode ser sintetizada na seguinte expressão: “aprendizagem do se movimentar dialógico pelo ensino dialógico problematizador”.

Em vias de conclusão, recomendamos a leitura desse livro original e marginal, pois, a partir das reflexões apresentadas na obra resenhada, observa-se o acesso a outra possibilidade para o ensino de movimento humano nas escolas, para além de

uma reprodução irrefletida de gestos motores, especialmente do esporte convencional. Também é indicado um horizonte de educação que considere o mundo vivido das pessoas, com o cuidado de não transmitir, de cima para baixo, uma cultura que seja totalmente desconectada de sua realidade concreta. A partir do referencial da teoria do se movimentar humano, é colocada a possibilidade de as crianças e os jovens serem protagonistas de suas experiências de movimento.

Referências

BRACHT, Valter. Elenor Kunz, 70 anos: trajetória e contribuições para o desenvolvimento da Educação Física brasileira. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 15, p. 56-66, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufrrj.br/index.php/CadForRBCE/article/view/1192>. Acesso em: 05 jun. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

KUNZ, Elenor. **Educação Física**: ensino e mudanças. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre a comparabilidade objetiva no esporte: limites para a prática educacional. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 15, p. 41-55, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufrrj.br/index.php/CadForRBCE/article/view/1191>. Acesso em: 05 jun. 2025.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.